

NÔMADES E VALENTES - I

Conflitos ameaçam última tribo nômade

Os guajás, que perambulam pelo interior do Maranhão e vivem da caça e da coleta, estão ameaçados

ABNOR GONDIM

Da Agência Folha, em Barra do Corda e Santa Inês

Índios e civilizados do Maranhão travam uma batalha típica dos tempos da colonização do Brasil. Três índios e dois brancos já morreram nas escaramuças por disputa de terras neste ano.

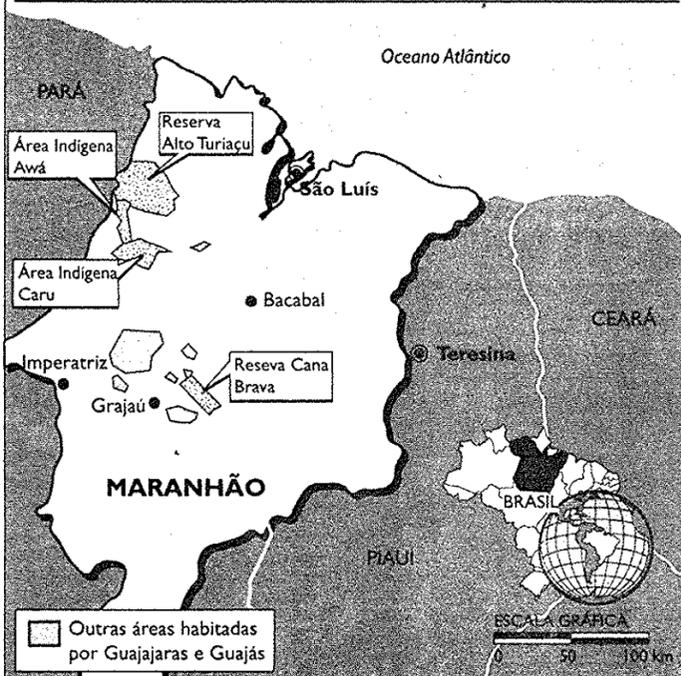
Os confrontos põem em risco a última tribo nômade conhecida no Brasil —os guajás— e acirram o ânimo dos guajajaras ("povo valente" em tupi-guarani).

Os 168 índios guajás que já foram contatados pela Funai e outros cem que ainda vivem na floresta mostram um primitivismo pré-histórico. Os guajás, que se autodenominam de awás ("gente", em tupi-guarani), andam nus, ignoram a agricultura, não têm adorno ou cerâmica, dividem-se em pequenos grupos para a caça e coleta de frutos. Praticam a poligamia e, às vezes, o incesto. Apresentam uma extrema intimidade com a natureza: os filhotes de macacos, veados e porcos-do-mato são amamentados com o leite das índias. O Exército, em convênio com a Funai, deverá demarcar em 93 a reserva Awá-Guajá (118 mil ha) para os cem índios arredios não-contatados.

A 700 km ao sul de São Luís, a tribo dos guajajaras sofre discriminações por querer retirar da reserva o povoado de São Pedro dos Cacetes. Em Barra do Corda e Grajaús, cidades fronteiriças à reserva, foram planejados levantes

AS ÁREAS DOS GUAJÁS E GUAJAJARAS

Veja onde vivem essas tribos indígenas no Maranhão



tes contra os índios, que se armaram, obstruíram a rodovia BR-226 e sequestraram passageiros e ônibus.

O repúdio aos guajajaras é apoiado pelos padres capuchinhos da região. Na igreja matriz de Barra do Corda, constam as imagens de sete padres e cinco freiras chacinados, em 1901, em Alto Alegre (MA). O massacre ocorreu depois que os padres torturaram

um índio flagrado em poligamia.

Segundo a Polícia Federal, os guajajaras são responsáveis por transformar o Estado no segundo maior produtor de maconha no país, depois de Pernambuco. São abençoados pelos religiosos do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). "Evangelizar hoje é respeitar a cultura dos índios", diz o padre italiano Carlo Ubialli, 53, do Cimi.

Exército deve demarcar área dos guajás

Da Agência Folha, em Santa Inês

O Exército deve demarcar no início de 93 a área indígena Awá-Guajá, de 118 mil ha no oeste do Maranhão. A área equivale a 737,5 parques do Ibirapuera, em São Paulo, e será destinada a cerca de cem índios arredios da última tribo nômade conhecida no Brasil —os guajás.

O sertanista Fiorello Paris, 45, diz que, desde 82, quando foi proposta a criação da reserva, os índios arredios vêm sendo mortos. Em 88, um dos sete índios resgatados numa área de desmatamento da futura reserva contou que era o único sobrevivente de um grupo assassinado na floresta. A Funai diz acreditar na existência de grupos dentro da área que escapou dos caçadores de índios.

A Awá-Guajá será unificada às reservas já demarcadas do Alto Turiaguá (515 mil ha) e Caru (172 mil ha), onde vivem outras tribos.

Nessas áreas, já vivem sob a tutela da Funai 168 índios guajás, em diferentes graus de aculturação, distribuídos em três postos indígenas. "Onde estejam, os guajás vivem em ameaça perma-

nente", afirma Paris.

No dia 10 passado, sumiu o índio Karanohudjia, 18, após se separar do índio Yapó, 20, em caçada na reserva Alto Turiaguá. O chefe do Posto Guajá, José Damasceno, 39, disse que "Yapó ouviu um tiro e não achou nem o corpo do amigo". A Funai acredita que Karanohudjia tenha sido morto em represália ao assassinato de um colono, por flechada, em setembro, quando foi visto por um grupo de índios.

É cada vez mais difícil a Funai obter notícias sobre guajás arredios. Há seis meses, na fazenda Cipó Cortado (a 700 km ao sul de São Luís), a Funai resgatou cinco guajás arredios que estavam em 200 ha de floresta que iriam ser desmatados. "O proprietário da fazenda avisou a Funai porque queria vê-la desapropriada pela Funai", disse o chefe do Núcleo de Apoio aos Guajás, Renildo Santos. A demarcação será financiada pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que dispõe de US\$ 1 milhão do Banco Mundial (Bird) para a operação em cinco áreas indígenas existentes ao longo da estrada de ferro Carajás. (Abnor Gondim)

Ações tentam impedir área

Da Agência Folha, em Santa Inês

A Associação dos Criadores do Maranhão (Ascem) ingressou no Superior Tribunal de Justiça com um pedido de liminar para impedir a demarcação da área, autorizada em 27 de julho pelo ex-ministro da Justiça Célio Borja.

"Se são nômades, já passaram por estas terras, onde nunca mais ninguém viu índio", afirma o vice-presidente da Ascem, Cláudio Azevedo, 37.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Maranhão (Fetaema) diz que 3.000 famílias de camponeses serão expulsas de suas terras.

Índios são solidários e convivem com animais

Da Agência Folha nos postos indígenas Awá e Guajá

Os guajás desenvolveram como nômades relações sociais e sexuais solidárias nos pequenos grupos em que se dividiram para sobreviver na floresta. São poligâmicos e, às vezes, incestuosos. Criam filhotes como crianças recém-nascidas a ponto de permitirem que sejam amamentados pelas índias.

No dia 11 passado, o índio Kamaihu, o mais brincalhão do posto Awá, chegou contando bravuras no acampamento depois de passar um dia para caçar um

jabuti e matar uma cobra surucucu. Trouxe o jabuti inteiro e o dividiu com o grupo.

Ele seguia uma regra social entre os guajás —nenhum caçador come da própria caça antes de dividi-la com o grupo ou receber a oferta da caça de outro caçador.

Macacos, veados e porcos-do-mato dormem com os casais, como crianças, e jamais são mortos para o consumo do grupo. Há três meses, Huyra, 15, teve um filho e ganhou de presente um porco-do-mato. Ambos são amamentados pelo seu leite. "Amamentar animais não causa nenhum mal",

diz o sertanista Fiorello Paris.

O chefe do posto Awá, Francisco Pitiguara, já cansou de tentar entender os arranjos de casais. Um dos arranjos envolve o líder guajá Tiame. Ele "emprestou" a mulher Imuin, uma jovem de cerca de 18 anos, para o amigo Takamatxiá. Da união, nasceu Pitu, agora criada por Tiame.

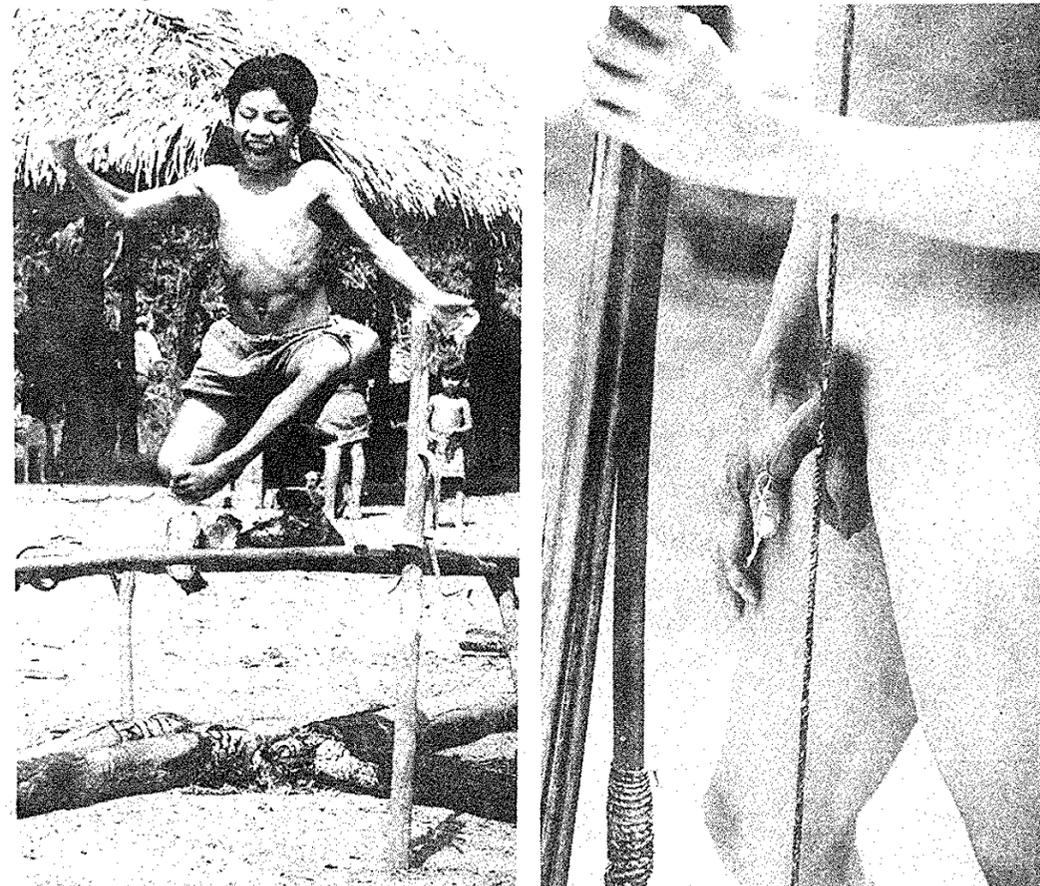
Mas Takamatxiá já é comprometido. Casou com Ipiontxicá, 11, filha de Tiame e Imuin. Porém, só poderá manter relações sexuais quando ela tiver a primeira menstruação. "Apesar de tudo, não houve uma briga entre eles", diz o chefe do posto. (AG)



Criança guajá acaricia macaco, um dos muitos animais selvagens domesticados pela tribo; esses animais, amamentados pelas índias, jamais são usados como alimento pelos índios



Kamaiuru, o melhor dos caçadores, encena para a tribo como matou uma cobra na floresta; foi usado pela Funai para contatar índios arredios; é o mais comunicativo da reserva Awá



Criança guajá brinca de pular a fogueira; ao lado, o cordão branco amarrado ao pênis de um índio adulto é um dos ornamentos usados, uma prova da preservação de costumes

NÔMADES E VALENTES -2

Psico Del Gaiso/Folha Imagem



Karapiru, símbolo da resistência dos índios guajás; ele foi atacado por jagunços e ficou perdido dez anos no sertão

Índio fica mais de dez anos perdido no sertão

Da Agência Folha, em Santa Inês (MA)

O índio Karapiru, 50, é símbolo da resistência dos índios guajás contra os ataques dos brancos. Ele pertencia a um grupo de 30 índios atacados em abril de 1978, na divisa do Maranhão com Tocantins, por jagunços de fazendas. Cinco índios morreram. Karapiru levou um tiro nas costas, mas escapou pela floresta, sem condições de socorrer um filho, com 9 anos, preso ao arame da fazenda.

Karapiru perambulou durante dez anos e meio pelos sertões e cerrados da região até se entregar em setembro de 1988 a um agricultor, em Barreiras (BA), a 600 km do local do ataque. O agricultor imaginou que tratava-se de um índio avá-canoeiro, do Tocantins, mas um intérprete desse grupo não conseguiu entendê-lo.

Na casa do sertanista Sidney Possuelo, em Brasília, um intérprete guajá foi convocado para mais uma tentativa para identificar Karapiru. "É meu pai", disse o intérprete para o espanto de Possuelo. O intérprete era Txiramuku, o filho de Karapiru que ficou no arame da fazenda e depois foi entregue à Funai, onde ficou mantendo contato com outros guajás para não perder a língua nativa.

Em 89, foi a vez de Karapiru identificar outro guajá perdido do mesmo grupo atacado em 78, preso em Jonas Pinheiro (MG) após flechar uma vaca. Estava a 2.500 km do local do ataque. Era Yakariti, 25, sobrinho de Karapiru. Karapiru e Yakariti vivem hoje no posto indígena Awá, na reserva Caru, no km 300 da ferrovia Carajás. Eles não gostam de lembrar a odisséia da sobrevivência, mas não esquecem os hábitos alimentares aprendidos.

Yakariti foi o único dos 89 índios do posto a comer uma cobra surucucu, morta e abandonada por outro índio durante uma caçada. "Para viver, aprendi a comer de tudo como gavião", disse ele, segundo o chefe do posto, Francisco Potiguara. Karapiru quer esquecer o passado e hoje gosta mais de flechar peixes.

Outros cinco índios originários do mesmo grupo atacado em 78 foram resgatados há seis meses na fazenda Cipó Cortado, no sul do Maranhão. Txiramuku identificou um tio e um primo com mulheres e uma criança com poucos meses de vida. Todos os cinco foram remanejados para o posto indígena Juriti, na futura reserva Awá-Guajá, onde vivem outros 19 índios resgatados. (Abnor Gondim)

Podem existir mais nômades

Da Agência Folha, em Santa Inês

O coordenador de Grupos Isolados da Funai, Wellington Figueiredo, 41, afirma ser provável que, além dos guajás do Maranhão, existam outros grupos nômades no Brasil ainda desconhecidos. Segundo ele, devem existir 45 grupos indígenas na Amazônia Legal que ainda vivem sem contato com a civilização.

O antropólogo Eduardo Castro, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, diz que "os guajás são os nômades mais recentemente conhecidos". Segundo ele, há informações sobre grupos nômades isolados dos índios makus, no Alto Rio Negro (AM), e dos tucanos, no Acre. Segundo a Fu-

nai, haveria grupos nômades dos avá-canoeiros na Serra da Mesa (TO): "Todos eram agricultores e viraram nômades por circunstâncias históricas", afirma Castro.

O antropólogo Mércio Pereira Gomes, subsecretário de Programas Especiais do governo carioca, diz que "os guajás não são os atávicos do passado, os pré-históricos de 40 mil anos". Diz que além dos guajás somente mais dois grupos nômades são conhecidos no Brasil. Um deles, os xetás, se extinguiu na década de 70, no oeste do Paraná. O outro é o avá-canoeiro, dos quais ainda vivem 13 índios contatados no Tocantins. (AG)